



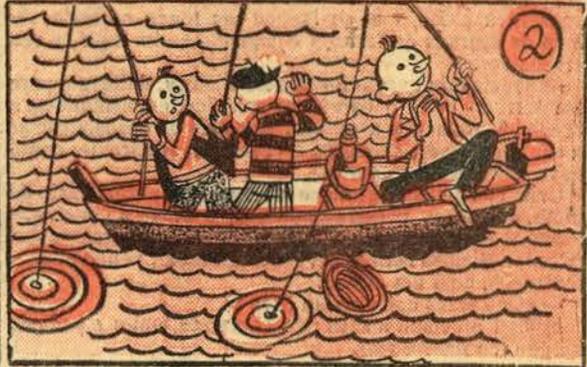
ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SECULO

N.º 703

AVENTURAS do RICARDINHO TATAO



Os papás do Ricardinho, que eram muito ricos, deram-lhe, por ter ficado bem no seu exame de instrução primária, um lindo barco movido a gasolina. No dia seguinte, de manhã muito cedo, o Ricardinho, sem dizer nada a ninguém, saindo, em biquinhos de pés, do seu quarto, foi chamar os dois filhos do caseiro da quinta onde morava, e desafiou-os a acompanharem-no, numa viagem ao fim do mundo. Táta e Tatinha, os filhos do caseiro, não hesitaram

um momento e correram, com êle, em direcção da praia, levando consigo uma rede, três canas de pesca, um saco com batatas, duas facas, um garrafão com água, um litro de azeite, duas caixas com fósforos, uma panela de alumínio, três pratos, três garfos, um copo, etc.

Munidos da necessária gasolina para oito horas de viagem, convenceram-se de que tanto bastava para darem a volta ao mundo e... partiram radiantes.



No alto mar pararam o motor e puzeram-se a pescar à cana. Mas como não pescassem nada de pesca, só então repararam que se haviam esquecido da isca. Logo o Tatao, que era o mais espertalhão, lançou a rede ao mar, atando as pontas desta ao extremo das linhas e mergulharam-na, para logo a puxarem a cima, tantas vezes, até que algum peixe viesse nela enredado.

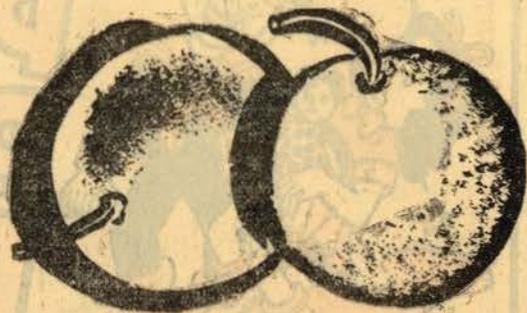
Imediatamente começaram a escamar o peixe e a

Decorridos dez minutos, de tal maneira as canas ver-

[Continua na página 4]

OS PÊSSEGOS

Por ARLETE LOPES NAVARRO



O Miguel há muito que pensava transpôr o muro daquele quintal, que o impedia de adquirir, embora ilegalmente, aqueles pêssegos apetitosos, que se viam através da grade do portão. Resolveu pôr em prática a sua idéia que se tornara em obcecação doentia.

Uma noite, agarrando-se à grade do portão, conseguiu, com o auxilio dos pés, elevar o corpo, alcançar o muro e, momentos depois, encontrar-se dentro da quinta.

Miguel levava um grande saco destinado à recolha dos frutos, depois de ter, devidamente, saboreado alguns.

Estava já junto da árvore e dispunha-se a uma acrobática ascensão, quando saltou sobre ele o «Fiel», o cão que guardava a quinta.

Aquela aparição, inesperada, causou tal medo ao pequeno ladrão, pois estava convencido que esse guarda se encontrava preso, que se lançou em louca correria, subindo os degraus do terraço e julgando assim fugir ao seu perseguidor.

As janelas do quarto do Doutor Simões, deitavam para esse terraço onde o garoto se refugiou, encostando-se à parede, a tremer e a chorar, sofrendo as conseqüências da sua feia acção, enquanto o «Fiel», na sua frente, continuava ladrando desesperado.

Uma das janelas abriu-se e o rosto do proprietário da quinta, apareceu, perscrutando com o olhar a causa que motivava o desespero do «Fiel». Ao ver um vulto de criança, o Doutor Simões retirou-se, para aparecer, pouco depois, no terraço, com um criado.

— «Que fazes aqui, a esta hora?»

Miguel ajoelhou a seus pés, chorando muito e pedindo que não lhe fizesse mal.

Entretanto, ao erguer os olhos para o Doutor e vendo no seu olhar um mixto de admiração e bondade, o garotinho contou-lhe, numa voz repassada de vergonha e arrependimento, tudo o que se passara.

— «Aqui tens um pêssego que te ofere-

ço». — Disse o Doutor Simões ao pequeno. Mas não voltes a interpretar papéis que se ajustam mal a ti, meu garoto. És simpático e tens um olhar leal. Não obedeces nunca mais a maus pensamentos e aruinstentações. Sê bom e honesto. O destino se encarregar de premiar as boas acções que praticares no decorrer da tua vida. Podes retirar-te. O portão está aberto. Parte.



Miguel aceitou o pêssego, balbucando algumas palavras de agradecimento. Desceu, depois, precipitadamente a escada que o conduzia à quinta e deitou a correr na direcção do portão, que já estava aberto.

Mas, no momento em que se aproximava da saída, viu no chão dois pêssegos enormes, aveludados, tão bonitos, que segurou neles imediatamente, na intenção de os levar.

De repente, aos seus ouvidos, soaram as palavras que o bondoso Doutor lhe dissera:

— «És simpático e tens um olhar leal. Sê bom e honesto.»

Ainda se encontrava no terraço o proprietário daquella grande quinta, falando com o criado acêrca dos dois pêssegos que man-



(Continua na pág. 7)

DOBRAM-SE ASSIM
OS BONECOS
(VISTO DE LADO)

FIG. 3



SOMBRAS MÁGICAS

LER AS INSTRUÇÕES
A BAIXO

Imaginado por
António de Sousa
Desenhos de

TAVARES LINTO



FIG. 2

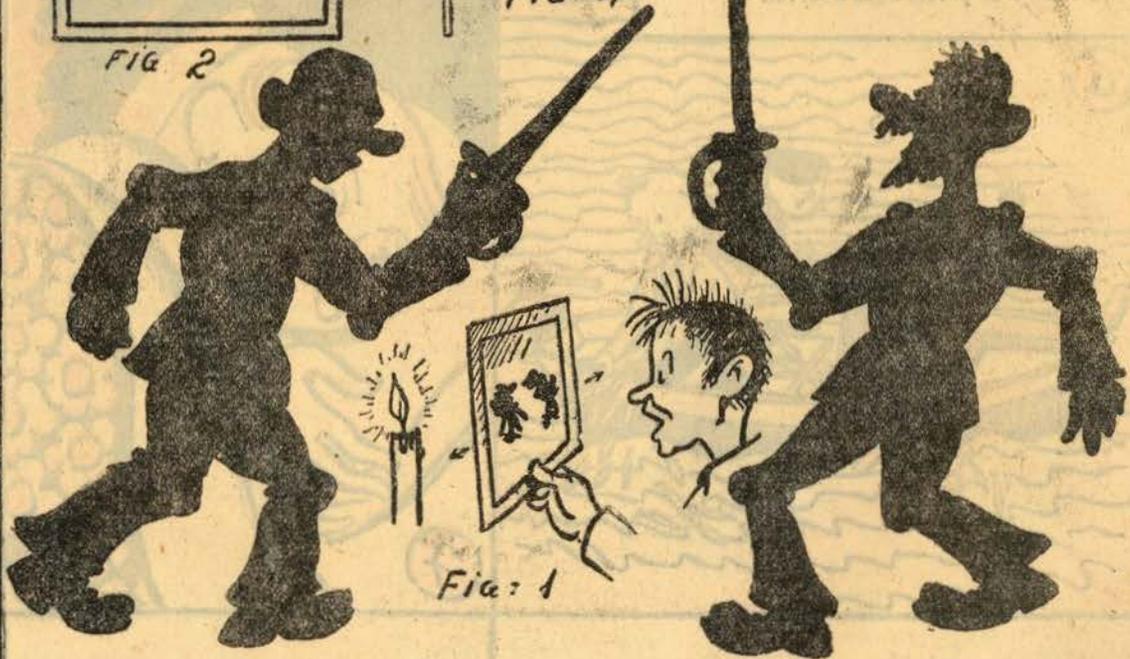


FIG. 1

É muito simples a maneira de armar este brinquedo, o qual consiste numas sombras que se movem.

Devem, em primeiro lugar, recortar um caixilho de cartão (fig. 2) e colar-lhe, depois, um quadrado de papel almaço liso, como se fosse um vidro.

Em seguida, recortam-se as silhuetas, (os dois galos para um quadro e os espadachins para outro, é claro) e colam-se nas costas do quadro, — tendo o cuidado de co-

lar apenas os pés das figuras, ficando as partes superiores dobradas para trás (fig. 3 e 4), sem o que as sombras não se moverão.

E pronto!

Basta, agora, ver o quadro à transparência duma luz e movê-lo da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, para se verem mexer as silhuetas (fig. 1). Verão que é interessante.

AVENTURAS DE RICARDINHO TATAO

"continuação" da pag. 1

5



Nisto, um dos peixes, que disse ser o Rei dos carapaus, começou a falar com grande espanto do Tãta, do Tatinha e do Tatão, fazendo-lhes ver o perigo que estavam correndo, pois a gasolina estava a acabar, e aconselhou-os a irem para casa quanto antes.



4

descascar as batatas, depois de acenderem o lume e de pôrem água a ferver.



6

Como já fôsse noite, encheram-se de medo e resolveram voltar para casa, lançando ao mar todo o peixe que haviam pescado.

Ao chegarem à praia, o Tatão acordou na sua fôfa



7

caminha, sorrindo do sonho que tivera e disposto a ir, no seu gasolina, dar um passeio mas na companhia dos seus papás, conforme êstes lhe haviam prometido.

VER NA PÁGINA 8, A NOSSA CONSTRUÇÃO PARA ARMAR:

U M B A L D E P A R A A P R A I A

O BURRO e a SUA IDÉA

por FRANCISCO VENTURA

Primeiro prémio de fábula nos JOGOS FLORAIS organizados pelo Ateneu Comercial de Lisboa

CONTAM pessoas antigas
Que um burrico, certo dia,
A quem a vida de burro
Causava grande arrelia.



Grande saber, qualidades,
Não têm nenhum valor,
Não sendo boa a aparência,
Não havendo ar de doutor.

Só aquilo que se vê
Fazem um homem notado.
Quem faz o burro é a albarda;
Não há mais certo ditado.

E o burro, que ia bem posto,
O que teve, nem eu sei.
Só sei que, dentro em bem pouco,
Se julgou mais do que um rei.

E se qualquer ente humano
Se estraga com a vaidade,
Um burro então nem se fala;
É burro com mais verdade.

Mas o pior foi quando êle
Se viu forçado a falar:
Como era burro — está visto —
apenas pôde zurrar.

O pior foi quando teve
Com os outros que tratar:
Como era burro só pôde
Coices à farta espalhar.

É que a aparência no mundo
Por pouco tempo se agüenta,
Que serve água limpa ao cimo
Se por baixo está barrenta?

E um burro por mais que faça,
Por mais que fuja dos burros,
Não pode dar senão coices,
Não pode ter senão zurras.

F I M

Resolveu mudar de ofício,
Porque aquele era pesado
E fugiu para bem longe
Sem, sequer, ter hesitado.

Mas não foi tal como estava
Por essas terrinhas fóra...
Não, senhor. Com grande afã,
Sem a mais leve demora,

Arranjou um fato novo,
Chapéu da última moda,
Camisa de seda cara,
Gravata luzindo tôda,

Penteou-se, perfumou-se,
Tornou mais doce o seu zurro,
E, ao fim de poucos momentos,
Nem já parecia um burro.

E lá foi, todo janota,
De ar grave e cabeça erguida,
Parecendo ser alguém
Muito importante na vida.

É claro que se deu logo
O que tinha que se dar:
Tudo se curvou ante êle,
Tudo o foi reverenciar.

Pois para se sêr alguém
— Isto é já certo e sabido —
Basta ter ar importante
E aparecer bem vestido.

DESENHOS ALEGÓRICOS

Meus meninos:

A que obra cé-
lebre, dum autor
francês, é alegó-
rico êste dese-
nho?

O último dese-
nho alegórico que
publicámos, refe-
ria-se à imortal
obra «Os Lusí-
adas», de Luíz de
Camões que foi o
maior Poeta por-
tuguês de todos
os tempos, e re-
presentava uma
das mais lindas
cenas descri-
tas admiravel-
mente no seu no-
tável poema: — a
passagem do Ca-
bo das Tormen-
tas.



ONDE ESTÁ O SERAFIM?...



Sete meninos foram brincar para um recanto do jardim, com suas cornetas, seu tambôr e seus carapuços — «Sete meninos... mas nós não vemos senão seis!...» — dirão os nossos leitorzinhos. Pois bem! Eu vos afirmo que são sete. É que o Serafim está escondido, como o gatinho com o rabinho de fóra. Denunciam-o, apenas, o seu carapuço, o cinto, os galões dos punhos e o malicioso olhinho que vos fita zombeteiro. Vamos, pois, descobri-lo...

Recortai, cuidadosamente, cada personagem. Recortai, também, o cinto, a gravata e os galões dos punhos, bem como o carapuço e o olhinho redondo. Colocai tudo isto sobre um a folha de papel branco e, se fordes atilados e pacientes, veréis aparecer o procurado Serafim.

Se, porém, vos faltar a paciência, vede a solução que neste mesmo número publicamos, na página seguinte.



UM «PUZZLE»

Serão os leitores capazes de, com os bocadinhos pretos da gravura, fazerem uma cruz?

A solução virá no próximo número.

Um Jôgo

Arranjem 80 fósforos. Pintem 20 de vermelho e 20 de azul. Os restantes ficarão brancos. Em seguida, misturem-nos e ponham-nos todos em monte. Começa agora o jôgo, no qual podem entrar um número



qualquer de jogadores. Cada um de per si, armado de um gancho, procura tirar os fósforos da parte superior do monte *sem tocar nos outros*.

Se tocar perde a vez.

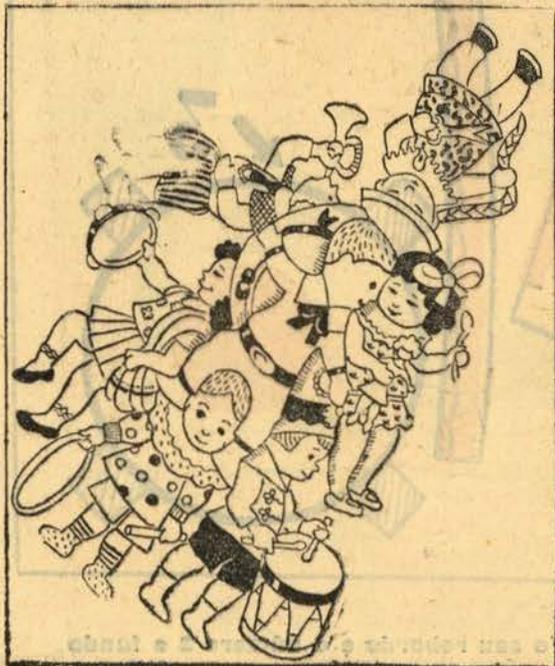
No fim do jôgo os parceiros contam os

pontos e o que tiver mais é o que ganha.

Atenção:

- Fósforos brancos..... 1 ponto
- > azuis 2 pontos
- > vermelhos.... 5 >

ONDE ESTÁ O SERAFIM — (Solução)



OS PESSEGOS — (Continuado da pagina 2)

dara colocar junto do portão, a-fim-de saber qual era o caracter do garoto, quando este lhe appareceu, trazendo nas mãos o pêssego que o Doutor lhe dera e os outros dois encontrados quando saía.



O Miguel vai pela estrada, radiante... Leva um saco com pêssegos que lhe dera o Doutor.

As duas lições que recebera nessa noite, foram como que um jacto luminoso e celestial, purificando-lhe a alma. O garoto nunca mais saltou os muros das quintas, nem mesmo ao ver belos frutos a seduzirem-no, e nunca mais tentou apoderar-se do que não lhe pertencia.

Resposta a tempo...

O professor:— Duas cidades distam cem quilómetros uma da outra. Um automobilista parte, de uma, a 60 quilómetros a hora; outro parte, da outra, a 100. Onde se encontram?

O aluno:— No hospital!

POSTAIS ECONOMICOS

Recorta-se duma revista uma silhueta que pareça interessante para um postal.

Assenta-se em seguida a folha da revista, de que se tirou a silhueta, sobre uns rectângulos de cartolina, do formato dos postais. Em seguida molha-se ou, antes, humedece-se uma escova velha de dentes e com uma faca passa-se sobre o pêlo da mesma. Sairá então uma poeira da tinta que assentará sobre o recorte, do desenho, em esbatido sobre o cartão.



UM BALDE PARA A PRAIA



RECORTAR E COLAR EM CARTOLINA FORTE

O número 1 é o corpo do balde, o número 2 o seu rebordo e o número 3 o fundo.